

EU NÃO ESQUECI COMO SE USA A IMAGINAÇÃO:
POR UMA NARRATIVA FEMINISTA NA PESQUISA

Lilian da Silva Ney¹

Apresento, neste resumo, uma breve experiência e como ela me faz pensar minha pesquisa referenciada pelos estudos feministas, narrando minha experiência como Trabalhadora em Educação não docente, no Programa Específico de Formação em Investigación Narrativa y (Auto)biográfica da Universidade Nacional de Rosario (Argentina), como um convite à reflexão sobre/com nossas escritas e de como as organizamos e expressamos as complexidades do processo criativo-narrativo, enquanto campo de estudos, metodologia e instrumentos metodológicos. Nosso cotidiano é atravessado por diversas violências como forma de subjugar nossas corpos/os/es, legitimadas por uma estrutura social normativo-hegemônica do cisheteropatriarcado. A seguir, relato um acontecimento que inspirou essa escrita: *eu participava de uma oficina de colagem com estudantes do sétimo ano, no Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (Caic), em Rio Grande - RS. Uma estudante procurava uma figura feminina para compor sua narrativa-colagem, porém, a todas as gravuras a resposta era a mesma: “é feia”, “horrorosa”, “creeeedo”, “não tem uma mulher bonita”, até que um grito de “aaacheeeeiii!” me chamou a atenção. Era uma mulher negra para representar uma menina negra.* Como os discursos construídos socialmente cegam nossa capacidade de questionar as violências. A minha branquitude me impedia de imaginar outras corpos/os/es como belos e possíveis. Estava impregnada dos conceitos instituídos pelo contexto sócio-histórico-hegemônico. Pensar a narrativa como condição subjetiva é o ponto central nos meus estudos de doutoramento e os estudos feministas chegam como uma proposta de conscientização do meu lugar na sociedade patriarcal e de como pela/com a narrativa é possível transgredir e romper com o sistema imposto. Nesse sentido, a narrativa é instrumento para me apresentar e imaginar outros mundos possíveis, outras possibilidades de estarsendo no mundo, pois como pesquisadora narrativa, escrevo histórias da própria experiência. Essa experiência me faz pensar no quanto as nossas narrativas podem ser instrumentos de denúncia das violências sofridas, da busca por representatividade, uma forma de compartilhar e nomear essas violências para que tenhamos consciência delas, e a partir daí lutar contra a dominação colonialista das nossas corpos/os/es. Precisei sair do meu lugar de conforto e enegrecer minhas teorias e metodologias, beber em outras águas, e o principal, olhar para mim mesma e questionar os meus conceitos sobre feminismo. Compreender que o que traz cisão para as lutas feministas, não são as diferenças raciais, sociais, de classe, de sexualidade, mas a sua negação, me provoca a desconstruir o colonialismo que ainda habita em mim. Assim, urge discutirmos sobre essas violências que tentam nos colocar de volta à vida privada, sujeitas às regras patriarcais e colonialistas, nas nossas investigações educativas, nas salas de aula, nos sindicatos, no parlamento, nos coletivos feministas, em todo e qualquer lugar. Combater as violências cotidianas com projetos antirracistas, feministas, com sororidade e solidariedade é uma luta diária, mas que segue avançando, mesmo com toda contranarrativa machista.

¹Mestra em História da Literatura pela FURG, Técnica Administrativa em Educação - Pedagoga, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, liliansney@gmail.com.

Precisamos mais do que nunca, gritar alto uma das músicas feministas que conheci nas manifestações em memória à Marielle Franco: “Companheira me ajuda, que eu não posso andar só. Eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor”.

Palavras-chave: Pesquisa Narrativa. Estudos Feministas. Experiência.